

# Eternizando a guerra: as imagens da Guerra Civil Espanhola de Robert Capa

*Eternizing the war: the images of the Spanish Civil War by Robert Capa*

Syntia Alves<sup>1</sup> (UNIMES)

**Resumo:** O artigo busca observar as imagens que impactaram a fotografia de guerra a partir dos registros realizados por Robert Capa, durante a Guerra Civil Espanhola. A partir de uma pesquisa bibliográfica, o foco deste trabalho é compreender como o conflito continha as condições ideais para se tornar midiático e como Robert Capa criou uma linguagem estética de registros de guerra que se mantém viva até o presente, nas imagens de guerra.

**Palavras-chave:** Guerra Civil Espanhola, Robert Capa, fotografia.

**Abstract:** *The article seeks to observe the images that impacted war photography based on the records made by Robert Capa during the Spanish Civil War. Through bibliographic research, the focus of this work is to understand how the conflict contained the ideal conditions to become media-oriented and how Robert Capa created an aesthetic language of war records that remains alive in war images to this day.*

**Keywords:** *Spanish Civil War, Robert Capa, photography.*

<https://doi.org/10.47456/col.v14i23.44381>

<sup>1</sup> Graduação (2002), mestrado (2005) e doutorado (2011) em Ciências Sociais pela PUC-SP com estágio doutoral na Universidad Complutense de Madrid. Possui experiência na área acadêmica como docente e pesquisadora. Participa como pesquisadora e fotógrafa do Neamp - Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (PUC-SP), Iplures - Grupo de Pesquisa em Identidades Plurais e Representações Simbólicas (UFABC) e membro do Instituto Ìsèsè para o Estudo dos Cultos Òrìsà e Vodun. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7997-2918>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6506607903336895>.

## **Introdução**

O historiador Eric Hobsbawm, em "A era dos extremos", afirmou que o século XX começou apenas no ano de 1914, com a I Guerra Mundial. Isso porque, segundo Hobsbawm, trata-se de um século caracterizado por guerras, que deve ser observado, analisado e compreendido a partir de seus conflitos. Desta forma, o historiador definiu a importância de se observar as batalhas do século XX, a fim de se alcançar o entendimento do que foi aquele período. Ainda que as guerras emblemáticas da história do Ocidente, no século XX, tenham sido a Primeira e a Segunda guerras mundiais, outros conflitos são tão fundamentais de serem analisados, entre eles, a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939). O conflito espanhol se faz importante, por um lado, pela complexidade dos seus elementos, e, desta forma, pode ser lido de diversos ângulos: ideológico, econômico, político, tecnológico, entre outros. Há, ainda, quem considere a Guerra Civil Espanhola como o conflito que anunciou as disputas ideológicas entre fascismo, socialismo e democracia, presentes na Segunda Guerra Mundial, dando um caráter internacional para o conflito espanhol.<sup>2</sup>

Voltando a Hobsbawm, quando se observa a Guerra Civil Espanhola, é possível considerá-la como o que o historiador chamou de "guerra total", ou seja, um conflito que ultrapassa os espaços dos campos de batalha, sendo, portanto, uma guerra na qual a sociedade como um todo encontra-se imbricada – ainda com a impessoalidade ou invisibilidade da produção de armamentos e tecnologia, como colocou Hobsbawm.

Estranha democratização da guerra. Os conflitos totais viraram 'guerras populares', tanto porque os civis e a vida civil se tornaram alvos estratégicos certos, e às vezes principais, quanto porque em guerras democráticas, como na política democrática, os adversários são naturalmente demonizados para fazê-los devidamente odiosos ou pelo menos desprezíveis. (Hobsbawm, 1995: 56).

<sup>2</sup> Sobre os motivos que suscitaram o início e desenvolvimento da Guerra Civil Espanhola, há uma extensa literatura. Foram utilizados, para esse artigo, os livros "A Guerra Civil Espanhola", de Francisco J. Romero Salvadó e "La Guerra Civil Española", de Thomas Hugh.

Na “democratização da guerra”, como colocou Hobsbawm, a fotografia e a Guerra Civil Espanhola tiveram papel fundamental. O conflito espanhol, considerado como a “primeira guerra midiática” (Tranche; De Las Heras, 2016) levou a guerra para a vida cotidiana da população do país e de outras partes do mundo, ocupando importante situação na história da fotografia de guerra. Assim, o presente texto analisa como as imagens da Guerra Civil Espanhola, produzidas por Robert Capa foram, são importantes para que o conflito, inicialmente de caráter local, ultrapassasse seus limites geográficos e se tornasse uma das referências em fotografia de guerra. Assim, serão observadas as características que tornaram tanto a guerra da Espanha quanto os registros da Capa tão importantes que continuam atuais.

### **Fotografia de guerra**

A história da fotografia sempre esteve relacionada à história do Ocidente, tornando-se um importante instrumento da expansão imperialista do século XX. Em virtude de sua possibilidade de retratar o real, o registro fotográfico passou a ter valor de uso, tornando-se um poderoso meio de propaganda e de direcionamento de olhar (Freund, 1995). Na medida em que os meios de comunicação ganharam importância na Europa e Estados Unidos, as imagens tornaram-se mais do que instrumentos de registros de fatos, mas importantes elementos para a construção de narrativas, de verdades. Nesse sentido, rapidamente as imagens passaram a estar presentes e retratar as guerras.

Os dois marcos de registros de conflitos bélicos são a Guerra da Criméia e a Guerra Civil Norte-Americana. O fotógrafo inglês Roger Fenton foi um dos primeiros a fotografar este tema, participando de uma expedição Criméia, em 1855, sob o patrocínio da *Agnews and Sons*, que recomendou

que não se fotografasse os "horrores da guerra", para que as famílias dos soldados não se assustassem. Assim, as imagens que Fenton produziu na Criméia, considerando tanto as dificuldades técnicas quanto as restrições, não retratavam o que de fato é uma guerra, mas planos gerais posados e soldados bem instalados fora da linha de fogo (Freund, 1995, p. 168).

As mais conhecidas imagens da Guerra Civil Norte-Americana foram produzidas por Matheu B. Brandy e seus associados<sup>3</sup>, fotografias que mostravam os horrores que aconteciam nas batalhas, "as terras queimadas, as casas incendiadas, as famílias no desespero, os numerosos (...) mortos são fotografados por eles com uma preocupação de objetividade" (Freund, 1995, p. 108). Brandy e seus associados foram os financiadores, proporcionando liberdade na forma de se retratar o tema e o que estavam presenciando. Tanto as imagens de Fenton como as de Brandy são importantes exemplos de que mesmo as fotográficas de guerra estão sujeitas a diversas interferências, sejam elas determinadas por fatores financeiros, tecnológicos ou ideológicos.

Entre o final do século XIX e início do XX, a forma de aplicação da técnica fotográfica no fotojornalismo se modificou em virtude dos avanços técnicos, mas também da percepção que as pessoas passaram a ter das imagens e da forma de se relacionarem com elas. Essas mudanças fizeram com que, nas décadas de 1920 e 1930, na Europa e Estados Unidos, tivesse início o período que foi denominado como "fotografia moderna", ou seja, aquela na qual as imagens se colocam em local de crítica da própria fotografia como linguagem. A consequência desse momento na história da fotografia é o aumento de sua presença nas notícias veiculadas em jornais e revistas, passando a ser uma prova do registro escrito. Ou seja, as imagens não mais ilustravam as notícias, mas passavam a ser parte da própria informação, trazendo versões dos fatos que passaram a ser "incontestáveis" pelo caráter de veracidade que a fotografia representava.

<sup>3</sup> Estes eram os fotógrafos Alexander Gardner e Timothy O' Sullivan.

Nesse sentido, a popularização de imagens causou um importante impacto nas construções simbólicas das sociedades ocidentais. Se, antes, o ser humano conhecia somente as coisas referentes à sua vida, ao mundo no qual vivia, a imagem fotográfica impressa veiculada pelos meios de comunicação possibilitou que o cidadão comum ampliasse suas fronteiras e seu arquivo mental de imagens a partir de retratos de lugares, pessoas e situações.

Nesse contexto, as notícias e imagens de guerra ganharam especial importância, justamente porque possibilitaram que a sociedade civil tivesse uma maior percepção do que acontecia nos confrontos, situações que até aquele momento eram compartilhadas apenas pelos soldados. A fotografia esteve presente nos principais confrontos ocidentais desde o século XX, como na Primeira Guerra Mundial, mas foi a Guerra Civil Espanhola que mudou a relação entre a fotografia e a guerra, fazendo dos fotógrafos partícipes das batalhas.

### **A Guerra Civil Espanhola**

A Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) não foi a primeira guerra a ser registrada e veiculada em âmbito internacional, mas foi fundamental para a compreensão das batalhas do século XX, tornando-se um marco no uso de tecnologias em conflitos bélicos. Para entender tal importância é imprescindível observar que, situada entre a Primeira e a Segunda guerras mundiais, a Guerra de Espanha mostrou concomitantemente que os confrontos políticos da Primeira Guerra não foram resolvidos, além de indicar a eminência da Segunda. Ao longo de três anos, a Espanha viveu em seu território o conflito que, mais adiante, caracterizaria o século XX: governos democráticos versus governos ditatoriais. Além disso, as mortes e perseguições entre espanhóis, fossem em nome da “direita nacionalista”

ou da “esquerda republicana”<sup>4</sup>, causaram disputas, feridas e traumas que o país ainda não foi capaz de resolver.

Tal situação, na qual um país encontra-se dividido político e ideologicamente entre dois grupos a ponto de desencadear uma longa guerra civil, chamou atenção de todo o mundo ocidental. Enquanto a Alemanha de Hitler prestou apoio à tentativa de golpe do general Franco, estabelecendo uma aliança não declarada formalmente entre estados de direita, a então URSS, também de maneira não oficial, financiava os bandos comunistas que lutavam na Espanha. Ao mesmo tempo em que não se posicionaram oficialmente, França, Inglaterra e EUA mantiveram suas atenções voltadas para o conflito.

A Guerra Civil Espanhola inaugurou e utilizou ações bélicas que se tornaram presentes – e em alguns casos comuns – nas guerras a partir de então, como os bombardeios aéreos, campos de concentração e a disseminação da guerra não apenas por relatos de quem estava nos campos de batalha, mas também a partir de imagens fotográficas como registros da realidade. A Guerra de Espanha foi a primeira guerra moderna a ser divulgada midiaticamente em grande escala, reiterando e produzindo discursos de políticas e medo. Em virtude de uma série de elementos que caracterizaram a Guerra de Espanha, como será colocado mais adiante, as imagens do conflito – ou a ausência das mesmas – foram fundamentais como ferramenta propagandista, tanto dos nacionalistas quanto dos republicanos. Espanhóis e estrangeiros, a partir de registros imagéticos que ultrapassaram as fronteiras nacionais, democratizaram as cenas de guerra, permitindo que elas estivessem presentes no imaginário de pessoas que, sem essa veiculação, jamais teriam contato com tais imagens.

<sup>4</sup> Os termos estão entre aspas, pois representam uma dicotomia direita-esquerda que, por si só não define os diversos grupos presentes de conflito. Para saber mais sobre esse tema, recomenda-se o livro “*La Guerra Civil Española*”, de Thomas Hugh.

Na Guerra Civil Espanhola, confluíram diversos fatores que concederam ao confronto espanhol a característica de “guerra midiática” (Tranche; De Las Heras, 2016), como a rápida polarização política do conflito com intervenção estrangeira, a utilização de táticas de “guerra total” cujos efeitos impactaram a população, os novos modos de captar e difundir a informação e, principalmente, o intenso protagonismo civil. A ocorrência da Guerra Civil Espanhola alcançou ampla ressonância, mobilizando a opinião pública mundial, e o impacto midiático não ficou isento de instrumentalização e uso propagandístico da informação. Tanto a presença quanto a ausência de imagens de eventos importantes da batalha espanhola foram usados como armas de disputa entre os dois bandos majoritários, como o emblemático bombardeio de Guernica. Enquanto o bando nacional culpava os “*dinamiteros rojos*” pela destruição, as crônicas de George L. Steer, publicadas no *The Times* e *The New York Times* desvelaram a autoria da *Legión Condor* pelo ato. Neste caso, dois elementos chamam a atenção, primeiro, a circulação de informações sobre o conflito espanhol em jornais de outros países que, supostamente, não teriam nenhuma relação com a Guerra; segundo, a ausência de imagens foi fundamental para que se alimentasse a controvérsia e se sustentasse a narrativa de uma “autodestruição” de Guernica. No entanto, em outros casos, as imagens foram utilizadas para difundir informações antagônicas. A “migração de imagens”, ou seja, apropriação e circulação de imagens tanto fotográficas quanto cinematográficas, foi uma estratégia comum na disputa propaganda/contra-propaganda, mas foi mais frequente nos meios de comunicação do bando nacionalista (Sánchez-Biosca, 2009, pp. 10–31).

Além disso, o caráter civil do conflito, com a ativa participação da população em trabalhos de defesa, bombardeio de cidades, deslocamento e evacuação de centros urbanos, ocasionou momentos trágicos e heroicos, que ultrapassavam os produzidos nos campos de batalha. Essas situações foram captadas por repórteres, fotógrafos e documentaristas, e

se tornaram relatos que fazem parte dos próprios acontecimentos, comovendo especialmente o público ocidental. Além disso, é importante observar como determinadas imagens se converteram em um poderoso instrumento de denúncia e introduziram toda uma iconografia que sobrevive até hoje.

É justamente essa iconografia, desenvolvida na Guerra Civil Espanhola, que nos interessa neste artigo, por inaugurar uma nova forma de se registrar e divulgar os conflitos, baseando tanto imagens quanto relatos a partir da presença de vítimas e do registro da dor e da aflição. Pode-se compreender essa nova iconografia a partir da comparação com a recepção de obras como "*Krieg dem Kriege!*" (1924), de Ernst Friedrich. Friedrich realizou fotos das mutilações sofridas pelos soldados da Primeira Guerra Mundial e de cadáveres de crianças massacradas por ataque aéreo, imagens que foram reprovadas e sofreram a censura do próprio governo alemão.

Com relação à memória e difusão da Guerra Civil Espanhola, em especial para países como o Brasil, a fotografia se faz especialmente presente, pois associam o conflito às imagens que se tornaram ícones culturais e midiáticos dos fatos. Aqui podemos situar a obra de Robert Capa, no que se refere à Guerra Civil Espanhola, e é possível afirmar, sem exageros, que suas fotografias imortalizaram o conflito, o conflito imortalizou o fotógrafo. A foto "A Morte de um miliciano", no Cerro Muriano, é um dos maiores exemplos do grande poder de disseminação das imagens que agora, oito décadas depois, converteram-se em objetos históricos e se tornaram os próprios objetos de investigação.

"Se sua foto não está suficientemente boa, então você não está suficientemente perto". Talvez o que mais impressione na frase acima seja o fato de ela ter sido proferida por um fotógrafo de guerra, Robert Capa. Capa não foi o primeiro a registrar guerras, como já foi mencionado, mas certamente foi um dos fotojornalistas que mais influenciou a maneira de



registrar os conflitos, tanto que, até hoje, é uma forte referência no assunto. Entre agosto de 1936 e janeiro de 1939, ele realizou uma série de reportagens sobre a Guerra Civil Espanhola, muitas delas encomendadas para veículos de comunicação como *Vu*, *Ce Soir*, *Regards*, *Life*, entre outros. Colocar-se no meio do conflito, deixando de ser um espectador para fazer parte do bando que está sendo registrado foi a maneira que Capa usou para fotografar essa primeira guerra na qual esteve presente.



Figura 1: "A Morte de um miliciano". Robert Capa. Em preto e branco, homem de camisa branca de mangas curtas sobre uma pequena elevação, dobra os joelhos com o movimento de queda para trás. Virado em nossa direção, seu braço esquerdo estende-se para trás, ainda segurando o rifle. Ao fundo, céu cinza. Disponível em: <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/death-loyalist-militiaman> Acesso em 10 nov. 2023.

"A Morte de um miliciano" (Figura 1) é um dos registros mais importantes da história da fotografia de guerra. A imagem que captou o momento no qual um soldado caía morto, no exato instante em que é atingido por uma bala inimiga, é conhecida como a imagem que imortalizou a morte em batalha. Até a Guerra Civil Espanhola, os confrontos aconteciam apenas nos campos de batalha, não eram registrados com tanta fidelidade no cotidiano de seus horrores e singularidades. A imagem do miliciano sendo

morto saiu da Espanha e foi para a França, sendo divulgada pelas revistas *Vu*, em 1936, e no ano seguinte cruzou o Atlântico, sendo divulgada pela revista norte-americana *Life*.

Há quem questione a veracidade de "A morte de um miliciano" e diga que a fotografia pode ter sido ensaiada ou forjada<sup>5</sup>. Porém, mesmo que um dia seja possível comprovar se Capa fazia ou não registros reais em primeira mão, o fato que é que as imagens do fotógrafo foram tão combatentes contra o fascismo quanto os bandos republicanos e socialistas. E esse também é um ponto que pode ser levantado quando o assunto são imagens de guerra: a suposta imparcialidade das imagens. Com relação a Robert Capa, o fotógrafo defendeu, a partir de fotografias, suas ideias progressistas, apesar de nunca ter pertencido formalmente a nenhum partido político. Suas fotografias relataram a história do bando da guerra civil com o qual simpatizava: a luta republicana contra o fascismo e a favor da democracia, tanto de homens quanto de mulheres. Além do estilo fotográfico das imagens em movimento, a proximidade ao fato fotografado e as cenas de um cotidiano civil em meio a guerra, Capa usou suas imagens como manifestação política e não apenas como maneira de documentar os fatos. As fotografias de Capa também lutaram a favor da República Espanhola e contra o golpe de estado que o país sofreu.

### **Quando a guerra é fotogênica**

Capa revolucionou o registro fotográfico de guerra, criou uma estética de registro dos horrores de guerra e das cenas humanitárias em locais de confronto. Ainda hoje, sua estética aparece presente nos registros de batalhas em diversas regiões do mundo. Porém, é importante observar que, ao seguir a estética criada por Capa, as imagens de guerra não se preocupam em expressar singularidades

<sup>5</sup> Tal questionamento é tema do documentário "La sombra del iceberg" (2007).

locais ou bélicas, mas reproduzem padrões e códigos comunicacionais que são vistos e usados desde a Guerra de Espanha. Fotografar guerras se tornou um ótimo negócio a partir do momento em que as imagens deixaram de ser percebidas apenas como um meio de documentar um fato e passaram a ser usadas como um meio de criar discursos e difundi-los.



Figura 2: Bilbao, maio de 1937. Robert Capa. Em preto e branco, cena de rua. Em primeiro plano, uma senhora de vestido florido e cardigã escuro olha para cima e atravessa a rua segurando a mão de uma criança de casaco. Ao fundo, dois homens e duas mulheres também olham para o alto. Todas as pessoas estão com expressões preocupadas. Disponível em: <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/bilbao-mayo-1937-bilbao-may-1937-1>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Com a intenção de mostrar ao mundo o que acontecia na Espanha da década de 1930, as fotografias de Capa rodaram o mundo, levando, para aqueles que se encontram longe do conflito, imagens que transportavam o espectador para o cenário da guerra. Eram cidadãos

comuns registrados em atividades corriqueiras, o que certamente causou – e ainda causa – algum tipo de identificação. Imagens de crianças e mulheres andando na rua com medo de bombardeios aéreos ou brincando junto a ruínas de prédios atacados registraram que a Guerra Civil Espanhola foi uma guerra total.

Tanto na Figura 2 quanto na Figura 3, ambas com a presença de crianças, é possível observar como os civis estavam envolvidos na Guerra Civil Espanhola, seja à espera de um ataque (como na Figura 2), seja vivendo em meio aos estragos da guerra (Figura 3), retomando o conceito de “guerra total”.



Figura 3: Madrid, novembro-dezembro, 1936. Robert Capa. Em preto e branco, duas crianças estão sentadas no que sobrou de uma calçada. Elas conversam com uma terceira criança, agachada em frente. A rua e a parede ao fundo estão repletas de buracos de tiros e destroços. À direita, há uma porta e uma mulher encostada ao marco.  
Fonte: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 1999, p. 96.

Outro ponto importante de análise das imagens de Capa da Guerra Civil Espanhola é a partir da presença e participação das mulheres no conflito. Alguns dos legados fundamentais do conflito espanhol foi trazer à luz a

luta por igualdade de gênero e, deste ponto de vista, também é possível examinar as fotos de Capa a partir das relações de gênero. É importante levar em consideração que imagens de Capa registraram a luta republicana. Capa não realizou fotografias no bando fascista, no qual, inclusive, as mulheres não se implicavam nos assuntos militares. Assim, as imagens de Capa retrataram as relações sociais de um dos grupos envolvidos na guerra e, neste bando, é possível ver o clarão de liberdade que experimentaram as mulheres espanholas na década de 1930<sup>6</sup>.

As fotos de Capa constituem uma parte importante no esforço de se reconstruir a história, em especial com relação a atuação de mulheres e a busca pela igualdade de gênero durante a Guerra Civil Espanhola, elementos que ficaram ocultos e apagados por aqueles que venceram a guerra. Embora muitas fotografias de Capa registrem as mulheres em atividades de cuidado – em especial de crianças – e como civis em meio ao conflito, também há registros que evidenciam a mulher como protagonista na linha de frente de batalha do bando republicano. O primeiro espaço considerado masculino ao qual as mulheres tiveram acesso, naquele momento, foi o militar. Ainda que as milicianas formassem uma pequena minoria, eram muito evidentes, em especial nos primeiros meses de guerra, e é importante reforçar que as participações de mulheres como milicianas se deu de maneira espontânea (Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 1999, p. 46).

Há poucas estatísticas sobre a participação das mulheres como milicianas, e os números também não levam em consideração que houve milhares de mulheres armadas nas pequenas cidades, servindo de retaguarda para o bando republicano. Mas, um dado emblemático da participação das mulheres como milicianas foi a participação de milhares na defesa de Madri, em novembro de 1936. Além disso, as mulheres participaram ativamente na luta social e política durante a

<sup>6</sup> Sobre esse assunto, recomenda-se ler sobre as associações de mulheres na Espanha, como a *Unión de Muchachas* e as *Mujeres Libres*.

guerra, seja em situações de estratégia militar, seja nas organizações de fábricas e instituições de governo.



Figuras 4. Barcelona, 1936. Robert Capa. Mulher sentada, lendo revista, com rifle logo à frente do corpo. Figura 5. Barcelona, 1936. Robert Capa. Na segunda imagem, mulheres de rifles em punho, protegidas atrás de uma barricada de sacos de areia. (Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 1999, pp. 42; 176).

Tanto a Figura 4 quanto a Figura 5 retratam mulheres armadas, ou seja, em situações que, certamente, não eram comuns de se imaginar na década de 1930. Na Figura 4, é possível observar, no lado esquerdo da imagem, a escrita UGT (*Unión Gereneral de Trabajadores*), o que reforça a informação de que a mulher retratada forma parte do bando republicano. As imagens de Capa que retratam mulheres, além de sua importância histórica, reforçam o posicionamento político de uma parcela da população espanhola da época no que se refere às questões de igualdade de gênero, fazendo as imagens não apenas um registro no momento, mas também uma importante ferramenta político-ideológica.

## **O que fica depois que a guerra acaba**

As imagens de guerra chamam especial atenção de jornalistas e fotojornalistas por serem consideradas registros da realidade. Porém, também é importante pensar no papel que essas fotografias exercem sobre a sociedade. Susan Sontag (2004), em um dos seus últimos livros, chamou a atenção para essa construção da representação das imagens de guerra. Em "Diante da dor dos outros", Sontag nos fala sobre as imagens de guerra que são publicadas pelos meios de comunicação, e que constroem um imaginário para cada representação. Quando a guerra acaba, as imagens passam a formar parte de nossa memória, e a mesma imagem pode, em outro contexto, ser reutilizada.

As produções fotojornalísticas passaram figurar como informações que criam narrativas e constroem imaginários, ou seja, as imagens passam a ser mais do que um registro do conflito, pois carregam um valor em si. Um importante exemplo disso é a frase "*No pasarán*", que se tornou uma frase de clamor e posicionamento contra governos fascistas. A frase popularizou-se a partir de uma fotografia de uma rua da cidade de Madri, durante a Guerra Civil Espanhola (Figura 6).

Por três anos, a resistência contra o golpe de Franco conseguiu evitar a tomada da capital espanhola, porém, em 28 março de 1939, as tropas franquistas ocuparam os principais edifícios públicos de Madri, concretizando a vitória da guerra. Ao longo da Guerra Civil Espanhola, Madri contou com a ação de espanhóis, tanto civis quanto soldados do exército da Segunda República, mas também de brigadas internacionais voluntárias, compostas por mais de cinquenta países, na resistência ao avanço das tropas golpistas, tornando-se um marco da luta contra o avanço do fascismo. Dentre os voluntários estrangeiros, muitos eram exilados de países que já haviam enfrentado regimes fascistas, em especial alemães e italianos. Segundo Andreu Castells (1974), mais de 59,3 mil brigadistas aderiram à causa do governo republicano de Espanha contra o golpe fascista liderado por Franco.



Figura 6. Imagem do cartaz com os dizeres: "Não passarão! O fascismo quer conquistar Madrid, Madrid será o túmulo do fascismo". Fotografia de Mikheil Koltsov. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.es/historia/2019/03/no-pasaran-el-madrid-de-la-resistencia-a-franco> Acesso em 10 nov. 2023.

Na imagem, a frase reflete o que prometia a propaganda republicana: que Madrid seria o túmulo do fascismo. Para além do registro histórico dessa fotografia, é possível afirmar que ela imortalizou dizeres que, ainda hoje,



são usados por opositores ao fascismo, inclusive por pessoas que desconhecem a origem da frase “*no pasarán*” como símbolo de resistência. Por contar com sua própria legenda, a fotografia de Mikheil Koltsov é um importante exemplo do que colocou Sontag sobre as imagens construírem mensagens e narrativas e seguirem vivas mesmo após o fim do conflito – no caso da Guerra de Espanha, muitas décadas depois. Para Vilém Flusser, esse movimento se explica pelo “caráter aparentemente não simbólico, objetivo das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas, e não imagens” (Flusser, 2002, p. 14), ou seja, o espectador se entende como partícipe distante do fato observado e, nesse sentido, descola a fotografia do momento na qual ela foi realizada.

### **Considerações finais**

Sontag faz menção à esperança de Virginia Woolf de que as fotografias de guerra poderiam produzir uma ojeriza aos conflitos e mortes, mas, durante o século XX, foi possível observar um maior consumo de imagens de guerra, demonstrando que muito as fotos de batalhas produzem mais um efeito de atração e catarse do que de repulsa. Judith Butler explica que as imagens, por si só, não têm a capacidade de produzir catarse, pois “para que as fotografias possam suscitar uma resposta moral, devem conservar não apenas a capacidade de impactar, mas também a de apelar ao nosso sentido de obrigação moral” (Butler, 2010, p. 102). Ou seja, uma imagem não é capaz de gerar empatia ou comoção se, moralmente ou eticamente, o espectador não está imbuído de um olhar que relacione as imagens a tais sentimentos.

As imagens da Guerra Civil Espanhola, além de immortalizarem e levarem o conflito para muitas partes do mundo, foram decisivas tanto nessa guerra – incentivando a participação de movimentos internacionais de solidariedade (brigadistas, cooperações, comitês de ajuda) – quanto na

construção da compreensão formal e simbólica dele. Muitas imagens da guerra auxiliaram na construção de personagens, lugares e fatos, formando parte do imaginário que impulsionou a mobilização e a resistência tanto dos bandos envolvidos quanto dos apoiadores externos. Mas, além disso, a Guerra Civil Espanhola foi fundamental na construção de uma estética de registros midiáticos dos conflitos. Produzir e veicular imagens de guerra tornou-se obrigatório; sem imagens, é como se a guerra não existisse. Ela não se torna real, e o medo bélico só tem sua função atendida quando atinge as pessoas em grande escala.

Nesse sentido, Robert Capa foi um dos personagens importantes da Guerra Civil Espanhola. Capa criou uma estética de imagens de guerra que, até os dias atuais, se faz presente: presença de civis, crianças, cenas de horror e humanidade. Mas, não se pode ignorar que os avanços tecnológicos têm agregado novos elementos para as imagens de guerra, como os vídeos e fotografias aéreas que, hoje, podem ser realizados por drones. Porém, por mais que as imagens aéreas levem ao espectador a dimensão física de bombardeios, cidades arrasadas e escombros, ainda se buscam as pessoas que são atingidas nas guerras. Ainda no século XXI, ao olhar fotografias, pessoas desejam ver pessoas.

## **Referências**

- BUTLER, Judith. **Marcos de guerra**. Las vidas lloradas. Barcelona: Paidós, 2010.
- CASTELLS, Andreu. **Las Brigadas Internacionales de la Guerra de España**. Barcelona, Editorial Ariel, 1974.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade**. São Paulo: Comunicação & Linguagens, 1995.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX, 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LA SOMBRA DEL ICEBERG. Direção de Hugo Doménech e Raúl Riebenbauer, 2007.

MUSEO NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFIA. **Capa**: Cara a Cara – fotografías de Robert Capa sobre la Guerra Civil Espanola. Madrid: Ministerio de Educación y Cultura, 1999.

SÁNCHEZ-BIOSCA, Vicente. Imágenes, iconos, migraciones, con fondo de guerra civil. **Archivos de la Filmoteca**, n. 60-61, pp. 10-31, 2009.

SONTAG, Susan. **Ante el dolor de los demás**. Madrid: Suma de Letras, 2004.

TRANCHE, R. R.; DE LAS HERAS, B. Fotografía y Guerra Civil española: del instante a la historia. **Fotocinema. Revista Científica de Cine y Fotografía**, [S. l.], n. 13, 2016. DOI: 10.24310/Fotocinema.2016.v0i13.6052. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/fotocinema/article/view/6052>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Recebido em: 24 de abril de 2024.

Publicado em: 28 de abril de 2024.